

A CIDADE DE FEIRA DE SANTANA, A QUESTÃO DA IDENTIDADE E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Célia Regina Batista dos Santos*

RESUMO – Este artigo ressalta a importância da articulação entre o conteúdo escolar e a vida cotidiana a partir do ensino da localidade na Geografia escolar. Pressupõe que a abordagem desse tema com ênfase na afetividade e na identidade dos alunos em relação ao espaço local pode favorecer o despertar do interesse deles sobre o seu espaço de vivência e uma maior compreensão sobre o contexto social do qual fazem parte, o papel que nele exercem e as possibilidades de mudanças a partir do conhecimento e inserção nos problemas cotidianos de sua localidade. Salienta o importante papel do professor enquanto mediador desse processo, ou seja, na condução da análise e construção de conhecimentos, formação de valores e atitudes dos alunos em relação ao lugar onde moram.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino da Localidade. Identidade. Mediação Docente.

1 INTRODUÇÃO

O processo histórico pelo qual passamos nas últimas décadas traz para nós grandes desafios intelectuais e éticos. O exercício mais arriscado a que estamos sendo chamados e que devemos enfrentar é mudar a nossa mentalidade, ou seja, mudar a forma pela qual interpretamos e nos relacionamos com um mundo em constante mudança.

* Prof. Assistente (DEDU/UEFS). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - Metodologia de Ensino (UFSCar/São Carlos/SP). E-mail: crbss@terra.com.br, célia_regina2006@hotmail.com
Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Educação. Tel./Fax (75) 3224-8084 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460. E-mail: edu@uefs.br

Isso vem exigindo indivíduos capazes de tomar iniciativas em situações adversas e inesperadas, que se situem no tempo e no espaço e tenham condições de desenvolver pensamentos críticos e reflexivos capazes de possibilitar uma intervenção e transformação do mundo ao seu redor. Indo mais além, faz-se necessária a formação de novas mentalidades que sejam conscientes de que o diálogo, a curiosidade, a dúvida, o questionamento e o auto-questionamento são atitudes naturais na inteligência.

A educação escolar, nesse contexto, pode exercer um papel extremamente importante na formação dessas novas mentalidades, desde que as atividades desenvolvidas em sala de aula manifestem sempre sua relação com a vida, tendo em vista que “diante dos localismos, diante do tribal ou do grupal, a educação precisa universalizar a pessoa, colocá-la em contato com a complexidade e o mistério do mundo que habitamos” (BAZARRA; CASANOVA; UGARTE, 2006, p.88).

O conhecimento geográfico pode ser um dos recursos necessários para o estabelecimento dessa relação entre as atividades escolares e a vida cotidiana. Interpretar a nossa realidade a partir da abordagem geográfica significa apreender uma consciência espacial das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo (CAVALCANTI, 1998). Uma das ferramentas para garantir o desenvolvimento de uma nova mentalidade acerca do mundo ao redor é conhecer, redescobrir, reaprender, valorizar o lugar, o que nos remete ao estudo da localidade.

2 A LOCALIDADE: UNIVERSO DESCONHECIDO PELAS PESSOAS QUE NELA VIVEM

O ensino da localidade é de suma importância no processo de construção do conhecimento dos alunos em relação ao seu espaço. Porém, como adverte Callai (2000, p. 83):

Muitas vezes sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acon-

tecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos.

O fato é que o espaço vivido ainda se constitui em um universo desconhecido pelas pessoas que nele vivem. Muito embora desenvolvam práticas espaciais na sua cidade, no seu espaço de vivência, as pessoas parecem acometidas por uma espécie de miopia espacial, um sonambulismo que impede uma atitude mais reflexiva com relação ao seu espaço. Esses termos são utilizados por Lacoste (1983) em seu livro *A Geografia – isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra*, onde esse autor desenvolve uma reflexão sobre a importância das pessoas comuns desenvolverem um raciocínio geográfico que lhes permita ler, interpretar, refletir sobre o seu espaço, no sentido de desenvolver uma prática mais cidadã com o mesmo. Para esse autor, as práticas sociais, tornam-se, a cada dia, mais confusas, visto que, hoje:

Nossos diferentes papéis se inscrevem cada um em migalhas de espaço, entre os quais nós olhamos sobretudo nossos relógios, quando nos fazem passar, a cada dia, de um a outro papel. Se os sonâmbulos se deslocam sem saber por que num lugar que eles conhecem, nós não sabemos onde estamos nos diversos locais onde temos algo a fazer (LACOSTE, 1983, p.49).

Assim, muito embora a disciplina Geografia não seja a única a tratar desse tema, é importante considerar os possíveis recursos que o conhecimento geográfico escolar pode oferecer às crianças e adolescentes, no sentido de fornecer-lhes instrumentos que os capacitem a participar dos problemas, lutar por melhorias e viver melhor no seu lugar.

Organizando esse conteúdo de forma mais consistente, através da exploração dos conhecimentos e experiências dos alunos, em relação ao seu espaço de vivência, ampliando e aprofundando o conhecimento sobre o espaço local, relacio-

nando-o a outros espaços mais amplos e diferentes, o professor pode estar atribuindo sentido ao que é estudado, permitindo ao educando fazer a relação entre a vida real e o conteúdo escolar. Mais do que isso, a atribuição de significados ao conteúdo pode servir de base para uma educação mais comprometida com os problemas locais e globais, com as contradições sociais, com as lutas, comprometendo-se com a construção de uma sociedade melhor, “conhecendo a realidade, compreendendo os mecanismos que a sociedade utiliza, reconhecendo no território sua história e as possibilidades de mudança” (CALLAI, 2000, p.136).

3 A LOCALIDADE E A QUESTÃO DA IDENTIDADE

No âmbito dessa discussão, é importante entender, sobretudo, que a localidade, como espaço construído, resulta da história das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como usufruem do lazer. Isto resgata a questão da *identidade* e a dimensão do *pertencimento*. É fundamental que se procure reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, às paisagens e que tornam significativo o seu estudo (CALLAI, 2000).

Na Geografia, a discussão sobre a identidade adquire valor se for considerado que todo lugar possui uma base concreta, advinda de uma valorização objetiva, que expressa um espaço produzido resultante das ações humanas sobre o mesmo¹, e uma base simbólica, resultado das representações que os homens estabelecem acerca de seu espaço. Essa valorização subjetiva implica na transferência de valores, culturas, afetividades, interesses, mentalidades, visões de mundo às formas espaciais criadas.

De acordo com Castro (1997), o domínio do simbólico constitui-se a base das idéias sobre um determinado espaço, que orienta as direções das ações dos homens e possui um inegável valor explicativo. Mais do que fonte de sobrevivência, a terra é um registro simbólico por excelência e, apesar de a racionalidade moderna ter conquistado os espaços objetivos

das relações sociais, essas relações indivíduo-espaco permanecem nos dispositivos simbólicos e em suas projeções. Acrescenta ainda que:

Esta é certamente uma questão para a geografia na medida em que ela é conhecimento do espaço, mas também um modo de vê-lo, de interpretá-lo e de codificá-lo, tanto através de seu discurso acadêmico como por intermédio de seus avatares nos discursos do senso comum.(...) Portanto, se a interpretação deste imaginário é necessária para a construção do conhecimento, a geografia, nada inocente no assunto, deve mobilizar seus recursos intelectuais para participar desta tarefa.(CASTRO, 1997, p.156)

A discussão sobre a relação simbólico-cultural e afetiva decorrente das idéias que a sociedade constrói sobre o espaço tem sido cada vez mais freqüente em diferentes vertentes de pesquisa geográficas², dentre as quais a Geografia Cultural.

A Geografia Cultural tem por preocupação básica entender as experiências dos homens com a natureza, com o ambiente, com o seu espaço. Procura estudar a maneira pela qual a sociedade se relaciona, transforma, se apropria do espaço para responder às suas necessidades, seus gostos, suas aspirações, e compreender a maneira como a sociedade aprende a se definir, a constituir sua identidade, a se realizar.

De acordo com Claval (1997)³, a Geografia Cultural demorou muito para se constituir, tendo em vista que na Ciência Geográfica, durante muito tempo, a natureza foi o centro das análises. Alguns geógrafos, no século passado, se preocuparam com a relação entre Cultura e Geografia. Porém, a Geografia Cultural desenvolvida sob o enfoque natural não permitia uma análise mais completa, já que a mesma não estudava a sociedade em si, mas o estabelecimento de relações entre a sociedade e a natureza onde aquela era apenas um apêndice. Esse tipo de estudo deu origem “a monografias apaixonantes que, no entanto, abordam a cultura pelo exterior e se recusam a realizar o questionamento das representações e dos valores que levam as pessoas a agirem de uma certa maneira ao invés de outra” (GOMES, 1997, p.91)⁴.

A Geografia Cultural contemporânea apóia-se na concepção da Geografia como Ciência da Sociedade e, ao fazer do homem o centro da sua análise, foi obrigada a desenvolver novas abordagens, constituídas em torno de três eixos que são igualmente necessários e complementares. Primeiro, ela parte das sensações e das percepções. Segundo, a cultura é estudada através da ótica da comunicação, que é, pois, compreendida como criação coletiva. Terceiro, a cultura é apreendida na perspectiva da construção de identidades, insiste-se, então, no papel do indivíduo e nas dimensões simbólicas da vida coletiva (CLAVAL, 1997). Estudos sobre cultura, identidade e território; cultura, identidade e lugar; cultura identidade e região vêm sendo realizados por diversos geógrafos brasileiros contemporâneos, entre os quais é importante destacar trabalhos como os de Iná de Castro, Rogério Haesbaert e Paulo César Costa Gomes.

No âmbito da Geografia escolar, não poderia ser diferente. Geógrafos como Helena C. Callai, André Kaercher, Lana de Souza Cavalcanti, entre outros, vêm apontando em suas reflexões a importância de se valorizar as relações simbólico-culturais entre os alunos e o espaço no processo de construção do conhecimento geográfico escolar. Enfatizam, sobretudo, a importância de redimensionar o enfoque dado à localidade, no sentido de valorizar as manifestações da cultura materializadas no espaço vivido pelos alunos.

Pressupõe-se que o estudo da localidade, a partir da ênfase na cultura e na identidade, pode favorecer a construção de uma identidade espacial, uma maior compreensão dos alunos sobre o contexto social no qual fazem parte, o papel que nele exercem e as possibilidades de mudanças a partir do conhecimento e inserção nos problemas cotidianos.

A sociedade constrói idéias sobre o espaço geográfico, que forjam a elaboração de identidades. São essas identidades, que trazem consigo a ligação afetiva entre os indivíduos e o lugar, que podem contribuir para uma mudança de relação entre os indivíduos e o espaço de vivência (sua rua, seu bairro, sua cidade, seu município), através do estabelecimento de uma relação mais cidadã, se partirmos do pressuposto de que quem

se identifica conhece e gosta, quem gosta luta por melhorias para o seu lugar. Assim, esse estudo na escola é importante e necessário para a construção de um conhecimento reflexivo sobre o espaço de vivência (e de outros espaços). A Geografia, assim, deve mobilizar seus recursos intelectuais para participar dessa tarefa. Para que isso ocorra, é imprescindível que o estudo do lugar seja realizado durante toda a escolaridade e não apenas nas séries iniciais, como comumente acontece.

Diante de tudo isso, o professor, enquanto mediador do processo, é peça fundamental na condução da análise e na construção de conhecimentos, formação de valores e atitudes dos alunos, em relação ao lugar onde moram e, por conseguinte, na afirmação ou não da identidade anteriormente referida. Ao trabalhar com conteúdos das disciplinas específicas, além de sua linguagem verbal, o professor também desenvolve uma linguagem não-verbal, dotada de valores capazes de influenciar nas atitudes e identidades dos alunos.

Considera-se que algumas idéias sobre um determinado lugar, originadas em discursos do senso comum, estão arraigadas às teorias pessoais do professor e este (assim como os alunos) não consegue superar o poder de tal imaginário nas suas análises e representações sobre o espaço. Sem perceber, o professor acaba contribuindo para a propagação de determinados discursos que já poderiam e deveriam ter sido superados e que, muitas vezes, interferem na identidade entre os sujeitos e determinado lugar. Afinal, como salienta Kenski (2001, p. 97):

Uma outra função inerente ao papel do professor em todos os tempos diz respeito à sua ação como agente de valores, aquele que influencia os comportamentos e atitudes de seus alunos. Nesse sentido, é também o profissional capaz de estimular a identidade (individual e grupal).

Tal compreensão indica que a prática do professor não é isenta de subjetividades. As referências, o imaginário, as imagens, representações, afetividades, procedimentos e atitudes

que aquele tem sobre o lugar de vivência, transmitidas através de sua linguagem não verbal, também fazem parte da metodologia e do conteúdo ministrado pelo professor. Em síntese, como salientam Bazarra, Casanova e Ugarte (2006, p. 94):

O modo como ensinamos é uma expressão de como somos, de como vemos a realidade, e como nos relacionamos com ela. [...] é obvio que somos o resultado de uma história pessoal, cultural, de um determinado ambiente social e escolar no qual nos movemos, da formação que recebemos como pessoas e como profissionais da educação e de uma experiência pessoal, vital.

Essa é uma questão relevante, tendo em vista que a idéia de que o tipo de relação que os professores estabelecem com o lugar (no caso, a negativa), aliada à ausência de uma base de conhecimentos mais consistentes sobre aquele assunto, pode dar espaço a um ensino alheio à realidade em que as imagens pessoais e a afetividade dos professores em relação ao lugar interferem no processo de ensino e de aprendizagem. O tipo de significação que o professorado atribui ao lugar pode influenciar a prática docente, especificamente, no que diz respeito à abordagem do estudo da localidade.

4 FEIRA DE SANTANA, A QUESTÃO DA IDENTIDADE E A IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM DESSE TEMA NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Toda essa discussão remete à minha experiência cotidiana na localidade onde exerço minha atividade profissional, a cidade de Feira de Santana, com as pessoas, especificamente, com professores que nela vivem e trabalham.

Durante conversas informais com alguns licenciandos e professores de Geografia, tanto das séries iniciais, quanto das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, comecei a perceber algumas imagens sobre a cidade que podem servir para uma possível reflexão. Na opinião de alguns desses

professores, Feira de Santana seria uma *grande colcha de retalhos*, sem cultura e sem identidade próprias e onde as pessoas apresentam dificuldades de estabelecer laços afetivos e vínculos mais profundos. Santana, (1999, p.04), corrobora com essas afirmações, ao expressar que:

A vida nela, não passa de um ir e vir. Não há identificação entre as pessoas, nem um desejo de ver o crescimento da cidade. Isso porque as pessoas não se sentem cidadãs, não a defendem e, só se mantém nesta cidade porque exercem uma atividade que depende do fluxo que por ela passa.

Situar Feira de Santana nesse contexto é entendê-la como uma localidade marcada pela controvérsia entre aqueles que a apontam como um lugar maravilhoso de se viver e que já construíram raízes afetivas e aqueles que a consideram como um lugar difícil de estabelecer vínculos e que apenas nela trabalham, estudam ou mesmo residem, mas que não apontam nenhuma forma de interesse por ela. Aliado a isso, no ponto de vista dos mais variados grupos sociais que ali convivem, a *Princesa do Sertão* ou *Portal do Sertão*, como é mais comumente reconhecida, vem perdendo a sua identidade.

Associada à idéia de uma cidade de passagem, cuja origem está relacionada à sua função de entreposto comercial, sua existência se deu em função da penetração para o interior, com a passagem de tropeiros. Serviu, também, durante muito tempo, como ponto central da atividade agropastoril no interior da Bahia e como área comercial de produtos agrícolas, constituindo-se numa grande feira; daí a origem do seu nome.

Hoje, Feira de Santana, além de ser uma cidade eminentemente comercial e de prestação de serviços para a região em seu entorno, constitui-se num grande entroncamento rodoviário, ponto de passagem obrigatório para quem percorre, via terrestre, o eixo Nordeste / Sudeste (formado pela BR-116, BR 101 e BR- 324). Nesse sentido, tanto enviou mão-de-obra para o sudeste, como recebeu um contingente de migrantes em busca de emprego no setor industrial, em razão da construção do Centro Industrial do Subaé (constituído na década de 1960).

Aliados às características já discutidas, mais dois fatores constituem a razão de ser dessa cidade: o setor terciário, formado pelo comércio formal e informal e a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), onde exerço minhas atividades profissionais. Em relação ao primeiro, podemos afirmar que Feira de Santana concentra grande parte de sua população economicamente ativa no setor terciário, mantendo a tradição de uma cidade onde se concentram as grandes relações comerciais, o que indica seu principal papel na rede urbana do estado e do país.

Essa característica de centro coletor e distribuidor de bens e serviços tem resultado num grande fluxo de pessoas e de dinheiro que, até o momento, não tem dado retorno à cidade. Com relação à UEFS, seu acelerado crescimento nas últimas décadas vem resultando num fluxo maior de professores e alunos vindos dos mais variados lugares do Brasil e, principalmente, do Nordeste. Muitos deles, principalmente os professores, fixam residência na cidade, porém, grande parte prefere retornar às suas cidades de origem, ou mesmo constituir residência em Salvador.

Esses fatores permitiram e permite um grande fluxo das mais variadas pessoas e dos mais diversos lugares, o que a identifica com uma população caracterizada por uma grande diversidade cultural. Para algumas pessoas, inclusive os professores, essa diversidade cultural estaria ofuscando a existência de identidade local. O discurso geral aponta que um dos motivos dessa falta de identidade é a mistura de pessoas de vários lugares, com costumes, valores, crenças, referências diferenciadas.

A ausência de identidade de um lugar está relacionada à ausência de identidades das pessoas que nele vivem. A questão da identidade tem relação direta com a afetividade, a sensação de pertencimento e com a auto-estima. Quando nos sentimos pertencentes a um lugar, o valorizamos, lutamos por ele, queremos crescer com ele. Esse sentimento de afetividade e pertencimento, a meu ver, não é predominante entre os professores com os quais mantive e mantenho contato. Mas será que Feira de Santana, realmente, é destituída de uma

identidade, no sentido de uma cultura própria, ou essa concepção é fruto de uma forma enviesada de perceber este lugar, num mundo confuso e confusamente percebido? Ou será que é a concepção de identidade que precisa ser repensada? Existiria uma só identidade? Ou poderíamos falar em identidades na e da cidade?

Como pode ser visto, há uma relação mal resolvida entre as pessoas e a localidade de Feira de Santana que precisa ser discutida. De acordo com Castro (1997), a sociedade constrói imagens sobre o espaço geográfico capazes de influenciar a sua prática nesse espaço. A interpretação dessa imagem é necessária para a construção de um conhecimento reflexivo sobre o espaço de vivência (e de outros espaços), e a Geografia deve mobilizar seus recursos intelectuais para participar dessa tarefa.

Em síntese, a Geografia deve se valer de uma pedagogia que auxilie o educando a descobrir todo o universo de um mundo que lhe é desconhecido, sobretudo, o seu universo, o universo do espaço onde mora, onde constrói suas relações cotidianas. Para que isso ocorra, é necessário que os professores dessa disciplina incorporem uma nova pedagogia para o espaço vivido e considerem quatro aspectos: descobrir o espaço, pensar o espaço, sonhar o espaço, criar o espaço, isto é, que incite a crítica do que existe, recuse a ordem do padronizado, suscite a elaboração de projetos que dêem aos lugares habitados as cores, as formas, as necessidades e os sonhos de imaginação daqueles que nele vivem (FREMONT, 1987). E como alcançar isso, senão na escola?

Isso tudo retorna ao papel do professor: no caso em pauta, é relevante considerar que muitos dos professores nem ao menos conseguem se identificar com a cidade. Outros, ainda, acreditam que a cidade não tem identidade. Quando aliamos isso à ausência de material didático que aborde estudos sobre esta localidade, temos como resultado uma Geografia escolar descontextualizada e distante do espaço concreto onde está localizada a escola e, conseqüentemente, dos alunos.

Essa é uma questão que precisa ser repensada nos cursos de formação docente e nas escolas localizadas na cidade,

tendo em vista que partimos da idéia de que a ausência de uma base teórica, de estudos e reflexões sobre esta localidade pode estar contribuindo para a difusão dessas imagens e afetividades tão negativas que se refletem no total abandono da cidade pelas pessoas que ali vivem.

5 CONCLUINDO PROVISORIAMENTE...

Os indivíduos elaboram idéias, imagens, afetividades com o espaço geográfico. A depender o do tipo de relação estabelecida, esta pode resultar, inclusive, no total desinteresse pelos problemas do espaço cotidiano e na falta de desejo de ver o seu crescimento. Considera-se imprescindível, portanto, que a instituição escolar repense o seu papel enquanto difusora e formadora de conhecimentos, valores e atitudes de seus alunos, com relação à sua localidade, no caso específico, Feira de Santana. A interpretação dessas imagens deve servir de ponto de partida para a construção de um conhecimento mais reflexivo e afetivo sobre o espaço de vivência.

THE CITY “FEIRA DE SANTANA, BAHIA, BRAZIL”: THE ISSUE OF IDENTITY AND THE TEACHING OF GEOGRAPHY

ABSTRACT — *This article points out the importance of the articulation among the school content, the daily life and the subject – Geography starting from the formal place of the learning process - the school. It presupposes an approach with emphasis on affection, and students' identity in relation to the space which can favor motivation to them, concerning the existing space for learning and a larger understanding of it. The study also emphasizes the possibilities of changes starting from the knowledge and insertion of daily problems in the work. It also put emphasis on the teacher's important role as a mediator of the process, that is, the conveyor of the analysis and construction of knowledge, the formation of values and the students' attitudes in the place they live.*

KEY WORDS: *Teaching of locality. Identity. Educational practice.*

Sitientibus, Feira de Santana, n.36, p.7-20, jan./jun. 2007

NOTAS

1 Esse espaço, como assinala Milton Santos (1988, 1996), constitui-se no conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos (naturais e sociais) e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento (constituída por relações sociais, políticas, culturais, simbólicas).

2 Essas diferentes linhas vão desde a Geografia Humanística, com suas análises fenomenológicas, até as discussões sobre as imaginações geográficas e a renovação da Geografia Cultural.

3 Paul CLAVAL é um dos seus mais importantes defensores dessa abordagem Geográfica.

4 Artigo traduzido do francês por Paulo César Costa Gomes, em 1997. Como o texto não tem data, refiro-me à data da tradução.

REFERÊNCIAS

BAZARRA, Lourdes; CASANOVA, Olga; UGARTE, Jerônimo Garcia. **Ser professor e dirigir professores em tempos de mudança**. São Paulo: Paulinas, 2006.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A.C. (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CASTRO, Iná Elias. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO; I.E. GOMES, P.C.; CORRÊA, R.L. (Org.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas/SP: Papirus, 1998.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

FREMONT, Armand. O espaço vivido. In: **A região, espaço vivido**. Coimbra, Livraria Almedina, 1980.

KENSKI, Vani Moreira. O papel do professor na sociedade digital. In: CASTRO, A D.; CARVALHO, A M.P. (Org.). **Ensinar a ensinar:** didática para a Escola Fundamental e Média. São Paulo: Thomson, 2001.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve antes de mais nada para fazer a guerra.** Lisboa: Iniciativas, 1988.

SANTANA, Mário Rubem Costa. **Feira de Santana:** a permanência de um não lugar. Disponível em <http://www.uefs.br/uefs/geo/feira-nao>. Acesso: maio 1999.